

Malan anima investidores internacionais

Explicações do ministro sobre a economia brasileira parecem ter convencido em Nova York

PAULO SOTERO
Correspondente

NOVA YORK – Se a primeira impressão é a que fica, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, tem motivos para estar satisfeito com a resposta ao convite que fez ontem à comunidade financeira internacional para que volte, voluntariamente, a investir no Brasil e confie da capacidade do País de honrar o compromisso que assumiu com a comunidade financeira internacional de superar o problema crônico do desequilíbrio de suas contas públicas. Sua apresentação de mais de uma hora sobre o programa econômico negociado com o Fundo Monetário Internacional, no salão Astor, do hotel Waldorf Astoria, foi bem recebida e parece ter aberto o caminho para uma mudança significativa da percepção dos investidores internacionais na economia brasileira.

O ministro e o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, foram ajudados, em sua exposição, por uma breve intervenção do vice-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Stanley Fisher. Falando por telefone de Frankfurt – onde Malan estará hoje para cumprir a segunda etapa de sua missão para atrair novamente os investidores –, Fisher explicou o caráter preventivo da linha de crédito de US\$ 41,5 bilhões que a comunidade financeira oficial abriu para o Brasil. Ele destacou o fato de praticamente todo o crédito estar disponível para País até dezembro de 1999, a começar por uma parcela de US\$ 9 bilhões a US\$ 10 bilhões que o governo poderá sacar um par de dias após a aprovação formal do acordo com o FMI, no dia 2 de dezembro.

“Nós vemos o Brasil de forma muito positiva e é muito importante que a equipe econômica, além de ter montado o tipo de política econômica que anunciou, comunique claramente o conteúdo dessa política aos investidores globais, como fizeram hoje”, disse ao Estado o diretor-gerente do banco de investimentos Salomon Smith Barney, Jeffrey Shafer, depois da apresentação. “O grande número de pessoas presentes hoje aqui mostra o interesse da comunidade financeira no Brasil.” Segundo Shafer, “é provável que, de agora em diante, a avaliação do mercado sobre o Brasil se torne mais positiva”, por causa “do forte compromisso que o governo assumiu para enfrentar o quadro fiscal brasileiro, que é, há tempos, a principal preocupação da comunidade financeira” em relação ao País.

O executivo ressaltou que eventos negativos em outras partes do mundo poderiam ter



Pedro Malan e Gustavo Franco: “O tempo do gradualismo acabou e não nos vemos como vítimas passivas de problemas que estão além do nosso controle”

BACHA
CONSIDERA QUE
A IMAGEM DO
PAÍS MELHOROU

um impacto negativo no mercado para o Brasil. “Daí a importância de ver o FMI e o Grupo dos Dez desempenhando o papel que assumiram”, disse. Shafer considerou importante, também, o cuidado que Malan tomou de sublinhar o caráter voluntário do retorno dos investidores ao País.

Sobre as razões que o levam a estar mais esperançoso agora do que no passado recente sobre o sucesso do programa fiscal brasileiro, ele disse que está “bem impressionado com as ações que o Congresso brasileiro já tomou” em apoio ao programa fiscal.

Paulo Leme, diretor do banco de investimentos Goldman Sachs, também gostou do que ouviu e previu que o mercado responderá favoravelmente ao convite de Malan. “A apresentação foi muito boa e a participação do Fisher foi importante, porque esclareceu que o programa é carregado logo no início.” Essa característica do acordo com o FMI se aplica tanto à adoção e execução dos objetivos da política fiscal como à possibilidade de acesso do Brasil aos recursos oficiais, se estes se tornarem necessários. “Agora cabe ao Congresso aprovar as medidas do programa e ao governo cumprir à risca suas metas”, disse Leme. “Isso sendo feito, não há por que o Brasil não recuperará gradualmente a confiança dos investidores.”

Para Leme, o País “venceu uma batalha importante numa guerra longa”. Diante dos fortes sinais de que os vários mercados de capitais estão se restabelecendo do pânico provocado pela decretação de uma moratória parcial pela Rússia, em agosto, o executivo do Goldman Sachs disse que “os mercados emergentes serão os próximos” a ter acesso a fluxos normais de capitais. “Os investidores devem começar a voltar gradualmente no primeiro trimestre de 1999, primeiro com as linhas interbancárias e de financiamento do comércio e depois o mer-

cado de bônus”, disse. A reabertura do mercado de emissão de dívida é crucial para o setor privado brasileiro, pois ele – e não o governo – é o detentor da maior parte dos cerca de US\$ 25 bilhões em obrigações externas que vencem em 1999. “Os investidores serão mais seletivos e as taxas de risco serão maiores do que foram no seu ponto mais baixo, no começo do ano, mas menores do que as que vimos mais recentemente”, disse.

Um outro efeito possível da apresentação de Malan foi lembrado pelo economista Edmar Bacha, um dos membros da equipe que preparou o lançamento do Real e hoje representa o Banco BBA em Nova York. “A apresentação de Malan foi muito importante porque ela ajuda a criar uma nova imagem”, disse Bacha. “A imprensa americana e a imprensa financeira têm sido muito ruins

BANQUEIROS
PROMETEM
MANTER LINHAS
DE CRÉDITO

para o Brasil. Varias reportagens que saíram recentemente no *New York Times*, no *Wall Street Journal* e no *Financial Times* foram muito negativas e certamente o Brasil não merece isso no momento em que mostra que está atacando o problema fiscal e tem o apoio da comunidade oficial.”

Malan referiu-se apenas brevemente à percepção negativa que persiste sobre a economia brasileira ao responder a uma pergunta sobre previsão feita recentemente pelo economista Rudinger Dornbush, do Massachusetts Institute of Technology, de que o real está no fim da linha e “a economia brasileira explode até o carnaval”. “Vamos, então, esperar até o carnaval”, disse Malan, depois de lembrar que o fracasso do real já foi cantado várias vezes nos últimos cinco anos.

Em sua palestra de quase 40 minutos aos investidores, que seguiu uma apresentação de Gustavo Franco sobre o programa econômico, o ministro da Fazenda não exibiu a exasperação que costumava mostrar até

recentemente em eventos semelhantes nos Estados Unidos, diante do ceticismo dos investidores e da imprensa sobre a economia brasileira. “O tempo para o gradualismo acabou... e não nos vemos como vítimas passivas de problemas que estão além do nosso controle”, disse Malan, para enfatizar que existe, da parte do governo brasileiro, pleno reconhecimento de que o desafio mais importante a vencer está na frente interna. O ministro disse que a diferença entre hoje e o passado, em termos das chances de execução da política fiscal, “é que o presidente Fernando Henrique Cardoso pediu e recebeu um mandato da população para preservar a estabilidade do poder de compra do real”.

O ministro preocupou-se também em realçar que o governo não fixará metas quantitativas para os investimentos e fluxos de capitais privados nem se en-

volverá em discussões sobre a composição desses investimentos. “Essas são decisões de mercado, que devem ser tomadas pelos investidores de acordo com seus interesses”, disse Malan.

“Não culpamos ninguém pelo aumento de quatro a cinco vezes dos prêmios de risco para o Brasil e outros países da América Latina depois da crise russa e o exagero na taxa de risco (que não se justificava) e temos autoconfiança suficiente para acreditar que os investimentos privados voltarão no Brasil em base voluntária e cooperativa à medida em que aprofundarmos o programa econômico, como já estamos fazendo e continuaremos a fazer.” Malan disse que ficou encorajado com reações nessa direção que ouviu de presidentes de vários grandes bancos americanos e internacionais, com quem almoçou na segunda-feira. Os banqueiros prometeram manter suas linhas de crédito interbancária e comercial e aumentá-las gradualmente, em paralelo com a execução do programa fiscal.